

EXPRESSÃO DO FUTURO EM FRANCÊS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE MARCAÇÃO E EXPRESSIVIDADE RETÓRICA

Alexandra Araújo (UNIFAP)
Márluce Coan (UFC)
Valdecy Oliveira Pontes (UFC)

RESUMO: Tratamos, neste artigo, a partir de uma amostra coletada *on line* em dois jornais franceses *Le Monde* e *Le Figaro*, do tempo futuro no francês escrito, codificado pelas formas: futuro do presente simples e perífrase. À luz da teoria da variação e mudança e do funcionalismo linguístico, analisamos como motivações da variável os seguintes grupos de fatores: jornal (*Le Monde* x *Le Figaro*), seção (*actualités/culture* x *débats*), regularidade verbal (regular x irregular), marca de futuridade (presença x ausência) e noção de futuro (imediatos x distantes). Os resultados da análise estatística são correlacionados aos princípios da marcação e da expressividade retórica, visando a demonstrar que há preferência, no texto jornalístico, pelo equilíbrio discursivo-cognitivo.

PALAVRAS-CHAVE: futuro do presente, perífrase, marcação, expressividade retórica

EXPRESSION OF FUTURE IN FRENCH: A FEW WORDS ABOUT MARKEDNESS AND RHETORIC EXPRESSIVENESS

ABSTRACT: In this article, we deal with a sample collected in two online versions of French newspapers: *Le Monde* and *Le Figaro*, working with the future tense in written French, encoded by means of the simple future tense and periphrasis. Based on the theory of variation and change and on linguistic functionalism, we analyze the following groups as motivations for the variables: newspaper (*Le Monde* x *Le Figaro*), section (*actualités/culture* x *débats*), verbal regularity (regular x irregular), futurity mark (presence x absence) and concept of future (immediate x far). The results of the statistical analysis are correlated to the principles of markedness and rhetoric expressiveness, aiming to demonstrate that there is a preference for discursive-cognitive balance in the journalistic text.

KEYWORDS: future tense, periphrasis, markedness, rhetorical expressiveness



Introdução

Nesta pesquisa, tratamos de tempo futuro em dois jornais da França: *Le Monde* e *Le Figaro*, especificamente, da variação existente entre as formas utilizadas para fazer referência a eventos situados em momento posterior ao da fala. O objetivo foi verificar se a forma verbal de futuro se sobressaía em relação à perifrástica e em que contexto esses usos se dariam. Embora seja o presente também uma variante que expressa tempo futuro, optamos por apresentar, neste artigo, a forma canônica em oposição à perífrase, haja vista o fato de a forma de presente nem sempre ser passível de comutação pelas outras duas, exceto quando acoplada a adjuntos adverbiais que expressam futuro, do que decorre o fato de o futuro do presente e a perífrase poderem, por si sós, na maioria dos casos, garantir interpretação de futuro ao enunciado, garantia que o presente nos dá quando correlacionado a outras marcas de futuro.

Abaixo, apresentamos a teoria que respalda o nosso trabalho: a Sociolinguística Variacionista ou a Teoria da Variação e o Funcionalismo norte-americano. A esta seção seguem outras três: uma referente a nosso objeto de pesquisa – o tempo futuro; outra que apresenta os procedimentos metodológicos e ainda outra que traz a análise dos dados, momento em que recorreremos aos princípios da marcação e da expressividade, redirecionando nosso olhar para o Sociofuncionalismo, visão que congrega postulados da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano.

1. Referencial Teórico

Para realizar esse estudo, buscou-se respaldo teórico em uma dupla perspectiva teórica: da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001 e 2008; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006) e do Funcionalismo linguístico norte-americano (BYBEE, 2007; DUBOIS e VOTRE, 2012; FOX, 2007 e GIVÓN, 1990). Desses referenciais teóricos, tomamos as noções de variável/variantes, condicionamentos linguísticos e extralinguísticos,

cálculo de frequências, o papel da frequência na gramática, princípio da marcação e princípio da expressividade. É sobre tais noções que passamos a discorrer agora.

Os primeiros estudos da Sociolinguística Variacionista surgiram na década de 1960, como reação à corrente linguística proposta por Chomsky na década de 50, a gramática gerativa, cujo objeto de estudo é a competência de um falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade linguística homogênea. Segundo Bagno (2007, p.28), a Sociolinguística surgiu porque muitos cientistas nos EUA perceberam que não era possível estudar a língua, desconsiderando a sociedade em que é falada, pois a língua não é homogênea e estável, mas está em constante variação e mudança devido às interações sociais. O estudo da variação a que nos ateremos, neste trabalho, foi impulsionado por William Labov. De acordo com Tarallo (2005), foi Labov quem enfatizou a relação entre língua e sociedade, apontando a possibilidade de sistematização da variação existente na língua oral.

Quando há variação, podemos ter, segundo Tarallo (2005), estabilidade ou mudança em progresso. De acordo com Labov (2008, p. 21):

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força imanente agindo no presente vivo.

Para Labov (1978), as variantes constituem os diversos modos de se dizer a mesma coisa, ou seja, remeter ao mesmo estado de coisas, em um mesmo contexto de interação verbal. Os primeiros trabalhos de análise sociolinguística¹, que se concentravam no âmbito da Fonologia, evidenciaram que diferentes formas de se comunicar, que compartilham o mesmo valor de verdade, apresentam diferenças no tocante aos valores sociais e estilísticos. Este fato dá abertura para críticas em relação à manutenção do mesmo significado

¹ Estudos desenvolvidos por Labov na década de 1960, primeiramente na ilha de Martha's Vineyard, em 1963, e depois na cidade de Nova York, em 1966.



nas variantes de uma mesma regra variável, questionamento explicitado em artigo por Lavandera (1978)², que afirma que cada construção sintática possui seu significado próprio, sendo complicado substituir uma forma sintática por outra preservando o mesmo valor de verdade. Para a autora, o estudo sobre a variação linguística fora do âmbito da Fonologia fica comprometido, pois nem sempre há um consenso no tocante ao valor de verdade das variantes analisadas. A autora propõe que a condição de mesmo significado seja ampliada para o que chama de comparabilidade funcional, na qual a existência em um mesmo espaço de formas alternantes ou a troca de uma forma por outra com o mesmo significado referencial não é livre e nem totalmente condicionada por fatores extralinguísticos, mas reflete uma escolha funcional do falante tendo em vista atender aos seus propósitos comunicativos. Lavandera (1978) critica, também, o fato de que muitas formas que estão fora do campo fonológico não sofrem influências sociais ou estilísticas, apenas linguísticas.

Para responder o questionamento levantado por Lavandera (1978), Labov (1978, p.02) afirma que são variantes os enunciados que possuem o mesmo significado referencial, ou seja, o mesmo significado representacional ou estado de coisas: “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade”. O autor ratifica o princípio da equivalência semântica e destaca ser necessário que, como variantes de uma regra variável, se aceitem enunciados que possuam o mesmo valor de verdade, no mesmo contexto, mas não rigorosamente o mesmo significado. Seguindo esta lógica, pode haver diferenças em matizes de sentido, desde que o significado referencial não seja afetado. Labov (1978) separa o significado referencial em um nível, considerado como primário, e as funções de identificação do falante e de acomodação do ouvinte em outro nível (secundário) que contemplaria os aspectos sociais e estilísticos. Dessa forma, variantes que portam diferenças de cunho pragmático, podem ter o mesmo significado referencial. Labov (1978)

² García (1985), Milroy e Gordon (2003), também, questionaram o estatuto teórico da regra variável, no estudo de fenômenos de variação para além da fonologia.

argumenta, ainda, que a Sociolinguística é *sócio*, não só porque lida com fatores estilísticos e sociais, mas por analisar a língua como componente social.

Ao verificarmos o funcionamento de uma língua, percebemos que, nos diferentes contextos, apresenta-se de forma heterogênea, ou seja, apresenta variações. Tarallo (2005), retomando a proposta de Coseriu³ (1976 [1968]), apresenta essas variações como: diatópicas (diferenças em função do espaço geográfico); diastráticas (diferenças em função dos aspectos sociais como classe, sexo, idade, etnia etc) e diafásicas (diferenças em função da utilização dos diversos estilos de linguagem na comunicação). Os sistemas linguísticos caracterizam-se, portanto, pela variação, pela heterogeneidade:

A existência de *variação* e de estruturas *heterogêneas* nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida (...). Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação *normal* – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional (WEINRICH, LABOV & HERZOG, 2006, p.101). Tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala. (LABOV, 2008, p. 238)

Neste trabalho, ativemo-nos às variantes: forma perifrástica e futuro do presente simples, as quais possuem o mesmo valor referencial, ou seja, a mesma função: indicam o tempo futuro. Exemplos do Jornal *Le Monde* o comprovam:

(1) *La Finlande va donner son feu vert en échange de la décision de Moscou de ne pas augmenter ses droits de douane sur les importations de bois finlandais. (26/11/2009)*

[A Finlândia **vai dar** o sinal verde em troca da decisão de Moscou de não aumentar seus direitos alfandegários sobre as importações de madeira finlandesa.].

³ De acordo com o modelo tricotômico (arquitetura da língua) de Eugênio Coseriu (1976 [1968]), as variações da língua são de natureza diatópica, diastrática e diafásica.



(2) *La Finlande **donnera** son feu vert en échange de la décision de Moscou de ne pas augmenter ses droits de douane sur les importations de bois finlandais.*

[A Finlândia **dará** o sinal verde em troca da decisão de Moscou de não aumentar seus direitos alfandegários sobre as importações de madeira finlandesa.].

Cesario e Votre (2008), retomando a definição da Sociolinguística, partem do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta nas análises linguísticas, para se entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. Logo, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (estruturais da língua) e por fatores extralinguísticos (classe social, sexo, faixa etária etc). A variação ilustra, pois, o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática. Dessa forma, o aparente caos da variação é desfeito, e o linguista deve demonstrar a sistematização que existe no uso das variantes de uma língua. Tal sistematização, no modelo variacionista, é feita por meio de análise quantitativa para a qual se utiliza o programa estatístico GOLDVARB. Esse programa permite ao pesquisador correlacionar aplicações, percentuais e pesos relativos das variantes aos fatores hipotetizados como motivadores do fenômeno variável sob análise.

A frequência tem um papel fundamental nos estudos variacionistas e o tem também em estudos funcionalistas. Bybee (2007), por exemplo, considera que se devam analisar: a) frequência de uso (token) ou frequência de uma unidade no texto e b) frequência categorial (type) ou frequência de dicionário de uma unidade. Segundo Fox (2007), a frequência integra um dos sete princípios que moldam a gramática. Para a autora, unidades que, com frequência, aparecem juntas tendem a se unificar; a frequência *token* pode implicar resistência à mudança; se um item perde em frequência em uma função, trata de assumir outra.

Aliada a essas observações, está o subprincípio de distribuição de frequência, um dos critérios propostos por Givón (1991, p.106) para avaliar a marcação: “Categorias que são cognitivamente marcadas (i.e., complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente.” O autor apresenta três critérios para se avaliar a marcação:

- (i) Complexidade estrutural - a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.
- (ii) *Distribuição de frequência - a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.*
- (iii) Complexidade cognitiva - a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não- marcada. (GIVÓN, 1990, p. 947)

Givón ressalva que o princípio da marcação é uma formulação idealizada e qualquer correlação função-forma deve ser vista como contextualmente dependente, pois uma estrutura que é marcada em um contexto pode não ser marcada em outro. É por essa razão que nossas considerações incluem o princípio da expressividade (DUBOIS e VOTRE, 1994), cuja formulação visa a mostrar equilíbrio entre as tarefas de codificação e cognição. Comparemos os princípios a partir do quadro abaixo:

Princípio da Marcação	Princípio da Expressividade
O Princípio de marcação é cognitivamente motivado em termos de esforços associados às tarefas de codificação.	O Princípio de expressividade é cognitivamente motivado em termos da expressividade e da eficácia, o que equilibra as tarefas de codificação.
Um elemento marcado será mais elaborado e mais longo.	Um procedimento discursivo marcado pode ser menos elaborado e menos longo.
Um elemento marcado será menos frequente.	Um procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente.
Um elemento marcado exigirá mais esforços de codificação.	Um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço de codificação.

Fonte: DUBOIS e VOTRE, 2012, p.69

Considerando-se o princípio da expressividade, aventamos justificar o uso da variante menos marcada em contexto mais marcado ou vice-versa, pois um procedimento discursivo marcado, por exemplo, pode ser mais frequente.



2. O Tempo Futuro em Francês

Oliveira (2006) destaca que a alternância entre futuro sintético e perifrástico é frequente em línguas românicas. A autora observa, também, que, na Língua Inglesa, a forma perifrástica está gramaticalizada e que esta língua é apontada como a mais documentada quando o tópico é a implementação da construção analítica de futuro, sendo o primeiro registro de futuro perifrástico com *go to* datado de 1482. O percurso de gramaticalização pelo qual o verbo IR passou nessa língua é assim destacado: [*be going*] + [*to + infinitivo*] > [*be going to + infinitivo*] > [*gonna*], encontrando-se em estágio avançado, já que ocorre redução fonológica de *going to*, que pode variar com *gonna* e até com *gon* em ambientes informais.

No Francês, a gramaticalização da estrutura *aller* (ir) + infinitivo, iniciada também a partir dos séculos XIII e XIV, encontra-se em estágio mais adiantado em relação ao estágio em que se encontra no Português, já que a combinação *aller* (auxiliar) com *aller* (pleno), como no exemplo abaixo, não é estigmatizada. Inicialmente, a construção *aller* (ir) + infinitivo acompanhava-se de um advérbio de tempo, com a função de assegurar a futuridade. Após a consolidação da estrutura, datada do século XVI, esse paradigma incorpora o traço de futuro e passa a ocorrer em construções sem a presença de advérbios.

(3) *Je vais aller au cinéma.*
[Eu vou ir ao cinema.]⁴

Em Francês, para expressar a noção temporal de futuro, o usuário da língua pode lançar mão, também, do presente, além do futuro do presente e da forma perifrástica. O presente do indicativo, conforme Riegel *et al* (2007, p.312), concorre com o futuro simples para exprimir um processo a vir, por exemplo:

(4) *Je reviens dans une heure.*
[Retorno em uma hora].

⁴ Tradução literal. Em Português, é mais frequente *Eu vou ao cinema*, com o tempo presente indicando futuro próximo.

- (5) *Je **reviendrai** dans une heure.*
[Retornarei em uma hora].

Além disso, aponta o autor a possibilidade de variação entre o presente do indicativo e a perífrase, quando a referência é a um futuro imediato, o que é corroborado por Callamand (1989, p.126), que também trata da perífrase formada por *aller + verbe* [ir + verbo]. Vejamos os exemplos 6 e 7, que mostram presente e perífrase co-ocorrendo na codificação de situações futuras.

- (6) *Il n'a pas téléphoné? Bon, alors, je l'**appelle**.*
[Ele não telefonou? Bom, então, eu o **chamo**.].

- (7) *Je **vais l'appeler**.*
[Eu **vou chamá-lo**.].

Segundo Callamand (1989, p. 138), quando a ação é vista na sua finalização⁵ ou a ação futura é considerada certa, prefere-se a forma do presente. O emprego da forma *aller au présent* (ir, no presente) + *infinitif* (infinitivo) também se justifica pela iminência, proximidade da ação. Por oposição, utiliza-se a forma de futuro para apresentar uma ação não condicionada pelo momento em que se fala; ela é, antes de tudo, a expressão de uma promessa, de uma previsão, como no exemplo abaixo:

- (8) *Il **fera** beau sur tout le pays. Le vent **soufflera** d'ouest en est.*
[**Fará** bom tempo em todo o país. O vento **soprará** de oeste a leste.].

Waugh & Bahloul (1996) observaram que, no Francês, enquanto a forma simples de futuro não implica envolvimento do enunciador com o conteúdo enunciado, a forma perifrástica implica aproximação entre enunciado e enunciador, o que faz com que a forma sintética seja a preferida na modalidade escrita. Para Salins (1996, p. 181), o futuro simples marca um processo no qual a realização é projetada no futuro do locutor. Nesse sentido, pode ter um aspecto

⁵ Cf. o trecho original: “*La forme du présent lorsque l'action est vue dans son accomplissement.*”(CALLAMAND, 1989,p. 138)



específico finalizado (9) ou um aspecto genérico em finalização, fora de cronologia (10).

(9) *Selon les prévisions, l'avion **atterrira** ce soir à 22 heures.*
[Conforme as previsões, o avião **atterrissará** esta noite às 22 horas.].

(10) *Bientôt, **Il y aura** des villages sous-marins.*
[Logo, **haverá** vilas submarinas.].

Quanto à relação entre o uso de forma simples ou perifrástica com *aller* e as variáveis sociais, Sankoff e Thibault (1981) mostram que, para o Francês falado no Canadá, o uso do futuro perifrástico diminui entre falantes de alto nível social, enquanto o futuro simples se mantém estável e há um crescimento do uso de formas no presente para expressar futuro.

Tendo em vista essas observações que atestam usos variáveis das formas do futuro do presente e perífrase, formas que compõem nosso envelope de variação, passemos à exposição dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

3. Metodologia

As variantes *futuro do presente* e *perífrase* foram escolhidas, dentre outras que indicam futuro, por serem mais usadas na expressão de futuridade e, também, devido à sua frequência na mídia escrita francesa. Configuram, portanto, a variável sob análise duas formas de expressão de futuro: futuro perifrástico (conforme 11) que é constituído pelo presente do indicativo do verbo IR (flexionado em uma das pessoas do discurso) + infinitivo do verbo principal e futuro do presente sintético (conforme 12).

(11) *Travailler plus pour gagner plus au prix de la dégradation du contenu du travail (harcèlement, stress, multiplication des suicides), étendre le travail au dimanche, injecter massivement de l'argent public pour "sauver" les banques sans aucun changement du système, ce qui **va créer** les conditions d'une nouvelle bulle: ces orientations vont toutes dans le même sens, le maintien et l'extension de l'espace du marché à*

tous les domaines de la vie, y compris en utilisant pour cela l'argent des contribuables. Le Monde (25/11/2009)

[Trabalhar mais para ganhar mais ao preço da degradação do conteúdo do trabalho (perseguição, estresse, multiplicação dos suicídios), estender o trabalho ao domingo, injetar massivamente dinheiro público para “salvar” os bancos sem nenhuma mudança do sistema, isto **vai criar** condições de uma nova bula: estas orientações vão todas no mesmo sentido, mantendo-o e estendendo o espaço do mercado a todos os domínios da vida, compreendendo e utilizando para isto o dinheiro dos contribuintes.].

(12) Sa position ne fait pas l'unanimité. Le professeur Akihiko Matsutani, du GRIPS, l'institut universitaire d'études politiques, estime qu'une arrivée massive d'immigrés "créera des problèmes sociaux sans compenser le déficit de main-d'oeuvre". Le premier ministre Junichiro Koizumi voulait, en 2005, fixer un quota pour le nombre d'immigrés. Le Monde (25/11/2009)

[Sua posição não é unânime. O professor Akihiko Matsutani, do GRIPS, instituto universitário de estudos políticos, estima que uma chegada maciça de imigrantes “**criará** problemas sociais sem compensar o déficit de mão-de-obra”. O primeiro ministro Junichiro Koizumi queria, em 2005, fixar uma quota para o número de imigrantes.].

Optamos por trabalhar dois jornais – *on line*, de grande circulação na França e no mundo, são eles: *Le Monde* e *Le Figaro*. Nesses jornais, foram escolhidas as sessões de *Actualités/Culture* e *Débats*, com algumas pequenas modificações de denominação de um para outro jornal, não interferindo na seleção dos dados. A escolha das seções pautou-se no fato de poderem apresentar mais perífrases, seja pela referência a temas mais modernos, seja pelo nível de formalidade, sendo estas seções menos formais em relação a outras que compõem o jornal impresso.

O *corpus* é composto de 74 dados coletados nos dias 12/11/2009 e 23 a 25/11/2009, já que nosso intuito, no período de coleta, foi apenas o de mostrar a inserção de perífrases em jornais franceses em um movimento similar ao que vem demonstrando pesquisas em outras línguas, conforme Van Hecke (2005) para o Italiano e Parra (2005) para o Espanhol. O período foi escolhido por representar o início da campanha regional para presidente, assim, nas seções de debates e de atualidades haveria mais chance de ocorrência de futuro



determinado: imediato ou distante.

Dessa amostra mínima, satisfeito nosso propósito inicial de mostrar que as formas sob análise são, de fato, variantes, resolvemos olhar os dados correlacionando-os a premissas funcionalistas, razão por que discutiremos, na análise, os princípios da marcação e da expressividade retórica, considerando percentuais obtidos em análise realizada no programa GOLDVARB. Inicialmente, intentávamos discutir pesos relativos, o que não foi possível, tendo em vista a não-seleção estatística dos grupos de fatores arrolados para análise, quais sejam: jornal (*Le Monde* x *Le Figaro*), seção (*Actualités/Culture* x *Débats*), regularidade verbal (verbo regular x irregular), marca de futuridade (presença x ausência) e noção de futuro (imediato x distante). Atentamos, então, para a frequência, já que pode indicar tendências linguísticas. Além da escolha de grupos extralinguísticos (suporte – jornal e editoria – seção), optamos pela escolha de grupos linguísticos de natureza diferente: um morfológico (regularidade verbal), um morfossintático (modificador verbal) e um semântico (noção/sentido de futuro). É nessa ordem que analisamos esses grupos na próxima seção.

4. Análise dos Dados

Iniciamos nossas considerações pelo grupo de fatores *jornal*, cujos resultados podem ser visualizados nas tabelas 1 e 2. A escolha destes dois jornais decorre do fato de serem os de maior veiculação nacional e internacional em Língua Francesa. Constatou-se que a forma de futuro simples é mais frequente no jornal *Le Monde*, apresentando 71,9% dos dados em relação ao uso da forma perifrástica, que é de 28,1%. De acordo com o princípio de marcação, a forma simples é menos marcada em relação à forma perifrástica e, por conta disso, mais frequente. Por outro lado, as perífrases verbais são menos frequentes, já que, de modo geral, exigem maior esforço (forma mais complexa estrutural e cognitivamente (GIVÓN, 2001)). Neste caso, a forma perifrástica, mediante os dados analisados, não tem grande inserção na escrita jornalística

do *Le Monde*, embora o tenha na oralidade, conforme evidenciam Waugh & Bahloul (1996). A motivação para o uso de uma forma ou de outra pode relacionar-se a alguns aspectos textuais, como a formalidade e a modalidade do texto. Gêneros mais formais e escritos, mais sujeitos à norma pedagógica tradicional, parecem ainda preferir a forma sintética ou, quando usam a forma nova, selecionam a morfologia de prestígio para o verbo auxiliar.

Tabela 1: Uso da forma perifrástica

Fatores	Aplicação/total	Percentual
Le Monde	16/57	28,1%
Le Figaro	9/17	52,9%

Tabela 2: Uso do futuro simples

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
Le Monde	41/57	71,9%
Le Figaro	8/17	47,1%

Em contrapartida, no jornal *Le Figaro*, a forma perifrástica é mais utilizada, 52,9% dos dados contra 47,1% da forma simples, talvez porque, neste contexto de pré-eleição, possa denotar promessas de ações cujas necessidades são imediatas. Os resultados obtidos corroboram o princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994). Conforme os autores, um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Nesse sentido, formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Logo, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual, ou seja, a forma simples (estrutura menos marcada), que é considerada como estrutura menos complexa em relação às perífrases (estrutura marcada), tende a aparecer menos no jornal *Le Figaro* (contexto formalmente menos marcado em relação ao jornal *Le Monde*).

Para comparação, vejamos dois exemplos, um do Jornal *Le Monde* (13) e outro do jornal *Le Figaro* (14):

(13) *La prochaine Commission européenne "aura neuf femmes, une de plus" qu'aujourd'hui, a indiqué mardi 24 novembre son président, José*



Manuel Barroso, qui finalise l'attribution des portefeuilles aux différents candidats soumis par les vingt-sept Etats européens. Le Monde (24/11/2009)

[A próxima Comissão europeia “**terá** nove mulheres, uma a mais” que hoje, indicou terça 24 de novembro seu presidente, José Manuel Barroso, que finaliza a atribuição das pastas aos diferentes candidatos submetidos pelos vinte e sete Estados europeus.]

(14) «*On va engager une lutte sans précédent contre les trafics de drogue, et notamment on va y mettre les agents du fisc. Dans les cités, on va faire une action policière, une action judiciaire et une action fiscale. On va même changer les règles sur les signes extérieurs de richesse et de train de vie. Nous allons cibler un certain nombre de cités, où il y a du trafic de drogue. On va même supprimer le secret professionnel entre les services*». Et de promettre: «*Ça va bouger beaucoup*». *Le Figaro (24/11/2009)*

[«**Vamos nos engajar** em uma luta sem precedente contra os tráficos de droga, e notadamente **vamos colocar** os agentes do fisco. Nas cidades, **vamos fazer** uma ação policial, uma judicial e uma fiscal. **Vamos** até mesmo **mudar** as regras sobre os sinais exteriores de riqueza e modos de vida. Nós **vamos apontar** certo número de cidades, onde há tráfico de droga. **Vamos** mesmo **suprimir** o segredo profissional entre os serviços». E de prometer: « Isto **vai mudar** muito».]

Relacionando os dados às seções *Actualités/Culture* e *Débats*, conforme tabelas 3 e 4, observamos que, das 69 ocorrências de tempo verbal futuro para a seção de *Actualités* (Atualidades), 46 delas, ou seja, 66,7% são de futuro do presente simples. Já no uso da perífrase foram observadas 23 ocorrências, o que representa um percentual de 33,3%. Esta seção engloba informações internacionais, sobre o planeta, o continente europeu, sociedade, economia, tecnologia, política, ciência, saúde, embora estes cadernos tenham suas seções em particular. Na seção *Débats* (Debates), estão incluídos artigos de opinião, sondagens, fóruns, chats, que, por serem textos opinativos, poderiam mostrar a forma inovadora. No entanto, observa-se a predominância da forma de futuro simples, como no exemplo abaixo do jornal *Le Monde*, remetendo a eventos próximos para apresentar uma ação futura não condicionada ao momento em que se fala.

Tabela 3: Uso da forma perifrástica.

Fatores	Aplicação/total	Percentual
Actualités (Atualidades)	23/69	33,3%
Débats (Debates)	2/5	40,0 %

Tabela 4: Uso do futuro simples.

Fatores	Aplicação/total	Percentual
Actualités (Atualidades)	46/69	66,7%
Débats (Debates)	3/5	60,0%

Os dados revelam que a forma de futuro simples ainda é a mais utilizada pela imprensa escrita francesa, o que pode ser indício de menos envolvimento do enunciador com o conteúdo enunciado, corroborando resultados de Waugh & Bahloul (1996). O fato de haver um percentual um pouco maior de uso de perífrase em debates pode revelar novamente equilíbrio entre as tarefas de codificação e cognição. Esse contexto, no qual estão mais presentes as vozes dos enunciadores, seria menos marcado, por ser menos formal, preferindo-se, então, a forma mais marcada estruturalmente: a perífrase. Na seção de atualidades, por prevalecer a voz do jornalista, haveria mais formalidade (contexto mais formal), o que levaria ao uso da forma simples (menos marcada estruturalmente). É bom, de qualquer modo, atentar para o fato de o princípio da marcação estar atuando de modo subjacente, ou seja, em contexto mais formal prevalece a forma canônica, também mais formal.

Quanto aos fatores linguísticos, a regularidade, grupo mais formal, apresentou os seguintes percentuais:

Tabela 5: Uso da forma perifrástica.

Fatores	Aplicação/total	Porcentagem
Regularidade verbal	13/31	41,9%
Irregularidade verbal	12/43	27,9%

Tabela 6: Uso do futuro simples.

Fatores	Aplicação/total	Porcentagem
Regularidade verbal	18/31	58,1%
Irregularidade verbal	31/43	72,1%

Considerando que o contexto de irregularidade é mais complexo (mais marcado) que o de regularidade (menos marcado), ele propicia a ocorrência da



forma simples (menos marcada em relação à forma perifrástica), ocasionando um equilíbrio contextual que, segundo Dubois e Votre (1994), tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação (formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados). Comparando-se a regularidade verbal das formas perifrásticas e de futuro simples, a incidência foi maior para esta última forma, indicando o total de 58,1% contra 41,9%, logo, a forma menos marcada tende a ocorrer mais que a forma mais marcada e mais complexa estruturalmente, já que esta última demandaria mais esforço cognitivo, atenção e tempo de processamento, conforme o princípio de marcação, proposto por Givón (1995, 2001).

Nas tabelas 7 e 8, são apresentados dados relativos à presença ou ausência de adjunto de futuridade para as formas variantes em estudo. O que podemos perceber é que a ausência de adjunto é recorrente no uso da forma futuro simples, pois de um total de 64 dados coletados, 40 contra 24 assim o revelam. A presença de marca de futuridade para uso desta mesma forma também é maior do que para a perífrase: 9 dados contra 1. Talvez o fato de a perífrase verbal não se sobressair em relação ao futuro simples seja por não considerar a ação futura como certa ou pela ausência de âncora temporal.

Tabela 7: Uso da forma perifrástica.

Fatores	Aplicação/total	Porcentagem
Ausência	24/64	37,5%
Presença	1/10	10,0%

Tabela 8: Uso do futuro simples.

Fatores	Aplicação/total	Porcentagem
Ausência	40/64	62,5%
Presença	9/10	90,0%

Os resultados também atestam o princípio da expressividade: a estrutura mais marcada (maior), que é a que tem marca adjacente de futuridade (advérbio ou locução adverbial), ocorre mais frequentemente com a forma verbal simples. Entretanto, os dados referentes ao fator ausência também motivam o uso da forma simples. Além de haver mais dados deste fator para ambas as variantes,

o que, naturalmente, leva a percentuais maiores, podemos considerar que o fato de haver marca morfológica no futuro simples leva à ausência de marca adjacente, corroborando, novamente, a predominância de equilíbrio entre discurso e cognição.

Vejamos, por fim, os resultados referentes ao tipo de futuro, se imediato ou distante:

Tabela 9: Uso da forma perifrástica.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Futuro Imediato	13/43	30,2%
Futuro Distante	12/31	38,7%

Tabela 10: Uso do futuro simples.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Futuro Imediato	30/43	69,7%
Futuro Distante	19/31	61,3%

Observamos, nas tabelas 9 e 10, que o *Futuro Imediato* apresentou-se com maior percentagem para o uso da forma simples em detrimento da forma perifrástica. Também na codificação do *Futuro Distante*, a forma sintética se sobressaiu, correspondendo a 61,3% dos dados, em relação ao uso de perífrase, o qual foi de 38,7%. Olhando cada tabela isoladamente, há leve tendência de o futuro simples codificar tempo imediato e de a perífrase codificar futuro distante, o que pode revelar a atuação do princípio da marcação: a forma maior indicaria mais distanciamento (mais codificação – maior distanciamento); a forma menor indicaria mais proximidade (menos codificação – menor distanciamento).

Considerações Finais

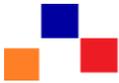
Com base nas análises realizadas, percebemos a recorrência do futuro do presente perante a perífrase, em todos os grupos de fatores estudados, talvez porque a pesquisa tenha se desenvolvido no âmbito da modalidade escrita. De qualquer modo, comparando as duas variantes, em termos de frequência, podemos dizer que: (i) o futuro simples prevaleceu no jornal *Le Monde* e em “*Actualités*”, ocorre mais frequentemente com verbos irregulares, com



modificador de futuridade e implica futuro imediato; (ii) a perífrase, por outro lado, foi mais frequente no jornal *Le Figaro*, em “Débats”, ocorre mais frequentemente com verbos regulares, sem modificador de futuridade e implica futuro distante. Isso demonstra equilíbrio motivacional, ou seja, as forças bem se distribuem, configurando diferentemente os contextos prototípicos de ocorrência do futuro simples e da perífrase. Além disso, nossos resultados indicam equilíbrio discursivo-cognitivo em textos jornalísticos, sendo usada a forma menos marcada estruturalmente (futuro simples) em contextos mais marcados (mais formais) e a forma mais marcada estruturalmente (perífrase) em contextos menos marcados (menos formais).

Referências

- BACK, Ângela; DIAS, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti; DOMINGOS, Rosemary. Contribuições do estudo da categoria Tempo nos gêneros discursivos crônica, carta comercial, notícia e entrevista sociolinguística para o ensino da língua materna. **Revista Trama**. Vol. 9, Nº 18, p.75-92, 2º Semestre, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BESCHERELLE. **La grammaire pour tous**. Paris: Hatier, 1997.
- BYBEE, Joan. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- CALLAMAND, Monique. **Grammaire Vivante du Français**. Paris: CLE International, Librairie Larousse, nouvelle édition, 1989.
- CESARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA *et al.* (Org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSERIU, E. Perspectivas Gerais [1968]. In: NARO, A. J. (org.). **Tendências Atuais da Linguística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976. p. 11-40.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado; SILVA, Maria Aparecida. A gramaticalização do verbo *ir*: implicações para o ensino. In: Maria Angélica Furtado da Cunha, Maria Alice Tavares (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: Editora da UFRN, 2007.



Dictionnaire d'apprentissage de la langue française. **Le Robert – micro**. Montréal: Dictionnaires Le Robert, 1988 et 1998.

DUBOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião Josué. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In: VOTRE, S. J. (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

_____. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico**: a procura da essência da linguagem. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

FOX, Barbara A. Principles shaping grammatical practices. **Discourse Studies**, Nº 9, p. 299-318, 2007.

GARCÍA, E. C. Shifting Variation. **Lingua**, v.67, p. 189-224, 1985.

GIVÓN, Talmy. (2001). Tense, aspect and modality. I: functional organization. In: **Syntax - an functional**. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **Functionalism and grammar**: a prospectus. Oregon: University of Oregon, 1991.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos. São Paulo: Contexto, 2001.

JORNAL *LE FIGARO*. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/>

JORNAL *LE MONDE*. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/>

LAVANDERA, B. **Where Does de Sociolinguistics Variable Stop?** Language Society, Printed in Britain, 1978.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.



_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors.** Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILROY, L. & GORDON, M. **Sociolinguistics: method and interpretation.** Oxford: Blackwell, 2003.

OLIVEIRA, Josane Moreira. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.** Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. 254 p.

PARRA, Maria José Ramírez. **La expresion variable de la futuridad en el español castellonense.** Jornades de Foment de la Investigació. Barcelona: Universitat Jaume I, 2005.

RIEGEL, Martin; PELLAT, Jean-Christophe et RIOUL, René. **Grammaire méthodique du français.** 4^e tirage. Paris: Presses Universitaires de France – PUF, août, 2007.

SALINS, Geneviève-Dominique. **Grammaire pour l'enseignement/apprentissage du FLE.** Université de Paris III. Paris: Les Éditions Didier, 1996.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics. Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

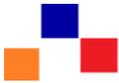
SANKOFF, David & THIBAUT, Pierrette. **Weak complementarity: tense and aspect in Montréal French.** Natural Languages Studies, 25. Michigan: University of Michigan, 1981.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2005.

VAN HECKE, Tine. **Le futur périphastique roman.** Le cas de l'italien andare a + infinitif. *Revue Romance.* Copenhague, 2006.

WAUGH, Linda R. & BAHLOUL, Maher. **La différence entre le future simple et le future périphastique dans le discours journalistique.** Modèles Linguistiques, XVII. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1996.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.



Recebido em 25/01/2015.
Aceito em 10/05/2015.

Márluce Coan

É professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC) e coordenadora do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas (SOCIOLIN-CE / UFC).
E-mail: coanmalu@ufc.br

Alexandra Araújo

É professora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), doutoranda em Linguística na Universidade Federal do Ceará (UFC), integrante do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas (SOCIOLIN-CE / UFC) e do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas em Língua Estrangeira (SOCIOLIN-LE / UFC).
E-mail: alexandra@unifap.br

Valdecy Oliveira Pontes

É professor do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (UFC), integrante do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas (SOCIOLIN-CE / UFC) e coordenador do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas em Língua Estrangeira (SOCIOLIN-LE / UFC).
E-mail: valdecy.pontes@ufc.br